

«(...) era importante para mim veicular uma sensação de esperança através deste filme. Não apenas pelo seu viés progressista e otimista, que pauta a forma como encaro a vida, mas porque entendo que este filme tem o potencial de ser um gesto de conforto para qualquer jovem que possa estar a lidar com uma problemática semelhante no seu contexto familiar e que não tenha ainda a perceção do poder da partilha da sua vulnerabilidade e dos seus anseios.»

Luís Campos

Terra Vil é a primeira longa-metragem de ficção de Luís Campos, autor cuja obra tem estado profundamente ligada à representação de problemas da juventude. Lembramos *Carga* (2017), *Boca Cava Terra* (2022) e *Monte Clérigo* (2023), este último um trabalho que se encontra no catálogo do Plano Nacional de Cinema (PNC) desde 2025.

Em *Terra Vil* conhecemos João. Tem 12 anos e vive nas margens do rio Douro com o pai, António, homem desequilibrado e vulnerável, a braços com problemas de alcoolismo. Na casa contígua mora Teresa com duas filhas adolescentes. De alguma forma, os cinco constituem uma família disfuncional, cujo vínculo afetivo se reforça pelo modo de vida a que estão ligados: a prática ancestral da pesca e venda de lampreia. Encontramos em *Terra Vil* uma notável composição sobre a vida económica, social, cultural e mental no Portugal das primeiras décadas do século XXI e uma longa lista de **motivos que levam o Plano Nacional de Cinema a recomendá-lo para ser visto por jovens** e refletido com eles em contextos pedagógicos:

- A realidade de um modo de vida secular profundamente ligado ao pulsar da natureza, em acelerada decadência resultante de alterações climáticas, e o impacto dessas transformações drásticas nas relações humanas e familiares;
- As vivências da instituição escola em diferentes dimensões, quer através da presença de comportamentos de *bullying* dentro da escola, quer através da reconstituição de um excerto de uma aula de Ciências Naturais sobre a proteção ambiental e a lampreia, um tema articulável com História, Filosofia ou Cidadania e Desenvolvimento, quer ainda através da valorização do contributo genuíno de instituições como a escola na tentativa de resolução de muitos problemas familiares;
- A força de tradições seculares impregnadas no quotidiano das populações, como a influência profunda da Igreja Católica em práticas sociais, aliada à premência de uma relação pessoal com o sagrado;
- A atmosfera de ressonância de um luto vivido coletivamente, neste caso concreto, o que foi provocado pela queda trágica da ponte Hintze Ribeiro sobre o Douro, em 2001;
- A perpetuação de formas de violência familiar que transitam entre gerações e, em oposição, a tremenda história de amor entre um pai e um filho.

No filme, todas estas dimensões estão atravessadas por opções estéticas e artísticas, mas, sobretudo, éticas. Além de ser um filme que evoca fardos e fantasmas pessoais e coletivos que assombram a nossa própria identidade, é também um filme que respira uma comunhão profunda e espiritual com a natureza, é um extraordinário filme de múltiplos gestos de cinema evidenciados através da representação de olhares, silêncios, sombra, luz, esperança. Este filme fazia falta no cinema português.